

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA REFORMADA: MOTIVOS E DESAFIOS

*Augustus Nicodemus Lopes**

RESUMO

O presente artigo trata da questão da educação teológica nas igrejas de confissão reformada. O autor aborda, em primeiro lugar, os motivos pelos quais tais denominações deveriam adotar, promover e estabelecer uma educação teológica que siga os princípios reformados, que são a doutrina reformada de *Sola Scriptura*, o caráter proposicional da revelação bíblica, o distanciamento das Escrituras de seus leitores. Em seguida, o autor aborda os principais desafios e dificuldades para que as denominações reformadas estabeleçam uma educação teológica realmente reformada em suas instituições de ensino, a saber, o desafio da secularização da academia, a predominância do cientificismo, o pluralismo teológico, o pragmatismo e o academicismo que privilegia o conhecimento acima do caráter. O artigo conclui com a reafirmação do autor de que a educação teológica pode servir como instrumento poderoso para um verdadeiro reavivamento espiritual nas denominações reformadas.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Teológica Reformada; Academia; Secularização; Cientificismo; Pragmatismo; Ciências da Religião; Revelação Proposicional.

* O autor é ministro presbiteriano, mestre em Novo Testamento e doutor em Hermenêutica e Estudos Bíblicos. Atualmente é pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro, em São Paulo, professor visitante de Novo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O presente artigo foi primeiramente apresentado como aula magna na Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em março de 2004.

INTRODUÇÃO

Uso a expressão “educação teológica” como sendo o processo de educação e formação de alunos feito por instituições de ensino teológico, visando a instruí-los e prepará-los para o labor teológico e pastoral. É o que se faz em seminários, faculdades de teologia e outras instituições afins.¹

E quando digo “educação teológica *reformada*”, me refiro àquela educação teológica que é feita a partir dos princípios e pressupostos da teologia defendida na Reforma protestante.² Esse entendimento não é compartilhado por todos. Para começar, não existe unanimidade entre os que se consideram herdeiros da Reforma protestante quanto ao sentido do termo “reformado”. Historicamente, o termo “reformados” foi usado a princípio indistintamente para todos os protestantes, calvinistas, luteranos e zuinglianos. Com as controvérsias entre eles sobre a Ceia, “reformados” passou a designar zuinglianos e calvinistas somente, em contraponto aos luteranos. E, com o

¹ A literatura sobre o tema é vasta. Para uma discussão mais aprofundada, menciono, entre outros: PETERSEN, Rodney L. (Ed.). *Christianity and civil society. The Boston Theological Institute*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1995, vol. 4, que trata da educação teológica à luz dos desafios impostos pela sociedade moderna; MATEUS, Odair Pedroso (Ed.). *Educação teológica em debate*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1988, que traz textos de um debate sobre educação teológica à luz das realidades brasileiras e latino-americanas, mas orientados pela teologia da libertação e pelo ecumenismo; LONGUINI NETO, Luiz. *Educação teológica contextualizada: análise e interpretação da presença da ASTE no Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1991, que analisa o papel da antiga ASTE na educação teológica do Brasil, à luz de uma crítica ao estrangeirismo e ao fundamentalismo; BANKS, Robert. *Reenvisioning theological education*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, que propõe um modelo missional de educação teológica como alternativa à educação teológica clássica dos seminários; ASTLEY, Jeff (Ed.). *Theological perspectives on Christian formation: a reader on theology and Christian education in Christian perspectives*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996, que traz vários artigos por diferentes autores que exploram o impacto das diversas teologias (liberal, pós-liberal, feminista, etc.) na Igreja e na educação cristã; HART, Daryl G.; MOHLER, R. Albert (Eds.). *Theological education in the evangelical tradition*. Grand Rapids: Baker, 1996, que descreve do ponto de vista reformado a educação teológica nas diferentes tradições evangélicas, a formação espiritual, o papel da mulher na educação teológica, a relação entre Igreja e academia, entre outros; NEUSHAUS, Richard John (Ed.). *Theological education and moral formation, em Encounter series*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, que também trata da formação moral e espiritual dos estudantes de teologia; CONN, Harvie; ROWEN, Samuel F. (Eds.). *Missions and theological education in world perspective*. Farmington, MI: Associates of Urbanus, 1984, que defende um modelo de educação teológica voltado para a preparação dos missionários interculturais; WHEELER, Barbara (Ed.). *Shifting boundaries: contextual approaches to the structure of theological education*. Louisville, KY: Westminster Press, 1991, que analisa as estruturas da educação teológica e propõe modelos à luz do feminismo, teologia da libertação, teologia negra etc. E, finalmente, recomendo LEITH, John. *Crisis in the church: the plight of theological education*. Louisville, KY: Westminster Press, 1997, provavelmente o livro mais franco e aberto sobre a crise dos seminários das igrejas liberais nos Estados Unidos, especialmente a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Leith alerta para os elementos que compõem a atual crise de esvaziamento e profissionalização dos seminários presbiterianos, uma alerta bastante relevante para aquelas igrejas brasileiras que estão seguindo o mesmo caminho na sua educação teológica.

² A idéia de que educação de qualquer tipo pode ser feita livre de pressupostos ideológicos e teológicos que a controlem e orientem é descabida. Sobre o assunto, veja Leith, *Crisis in the Church*, p. 25-39. Também os artigos de Jack Seymour, Karl Nipkow, Edward Farley e James Lee em ASTLEY, *Theological perspectives*.

arrefecimento da importância de Zuínglio no cenário protestante, “reformados” passou a designar os calvinistas. Portanto, é historicamente correto afirmar que o termo “reformado” tem a ver primária e basicamente com a *teologia calvinista*. Hoje em dia, há igrejas e instituições de ensino teológico que se apresentam como “reformadas”, mas que já abandonaram em alguma medida partes fundamentais da teologia calvinista. O mesmo pode ser dito de teólogos e professores que se consideram reformados apesar do fato de que não são calvinistas em sua doutrina. Assim, embora para alguns ser reformado, hoje, seja pertencer a uma igreja que historicamente descende da Reforma Protestante, ou ainda manter o espírito reformista que marcou os reformadores, é mais exato dizer que o conceito de “reformado” está ligado às principais afirmações doutrinárias defendidas pelos reformadores, particularmente às de João Calvino. É neste sentido que me refiro à educação teológica reformada e à academia reformada.

Historicamente, as igrejas reformadas têm dado grande importância ao ensino teológico e à preparação de seus pastores.³ Um exemplo brasileiro é a preocupação do jovem missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton com a educação teológica de obreiros nativos. Simonton foi o pioneiro presbiteriano no Brasil, e as palavras seguintes são tiradas de um texto que escreveu no final do seu ministério, em 1867:

O Evangelho mesmo ordena que este ministério seja confiado a pessoas de reconhecida aptidão e piedade, as quais não devem se ocupar em outra coisa. Embora os membros de qualquer igreja sejam zelosos no cumprimento dos seus deveres, não podem dispensar os serviços de um Pastor bem instruído nas Escrituras e apto para ensinar publicamente. Estes requisitos nem todos os crentes os têm. Este ministério requer estudo que poucos têm. Mais ainda, requer prudência e abnegação e zelo que Deus só dá aos que vivem em sua santa comunhão por meio de vigilância e oração constante.

... Nem todo cristão zeloso é apto para ensinar a seus semelhantes da cadeira evangélica. Por mais forte que seja a vontade de anunciar [...] sem estudos e a prática de falar, não pode fazê-lo com bom êxito. Não há dúvida, Deus pode por meio de dons extraordinários converter pescadores em Apóstolos sem intervenção de escolas nem livros... A conclusão a que chegamos é que na falta dos dons extraordinários tais como o dom das línguas e o da inspiração divina é forçoso haver escolas, livros e mestres.⁴

³ Cf. HART, *Theological education*, em que há artigos de Timothy George sobre os batistas reformados (p. 27-44), Gary Scott Smith sobre os presbiterianos (p. 79-102), Richard A. Muller sobre o período da ortodoxia protestante (p. 103-128), David Bebbington sobre Spurgeon e a educação teológica entre os batistas de sua época (p. 217-234) e James Bratt sobre Abraham Kuyper e a educação teológica na igreja reformada holandesa (p. 235-254).

⁴ SIMONTON, Ashbel G. Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil. Apêndice de *O Diário de Simonton: 1852-1866*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 182-183.

As igrejas reformadas sempre reconheceram a necessidade de ministros preparados e, portanto, a necessidade de uma educação teológica adequada e eficaz. No Brasil, entretanto, pouca literatura tem sido produzida pelos reformados sobre esse assunto.⁵ Há, todavia, boas razões para que os reformados no Brasil levem a sério a educação teológica. Em seguida, expomos algumas dessas razões.

I. MOTIVOS PARA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS IGREJAS REFORMADAS

I.1. A doutrina reformada de *Sola Scriptura*

A Reforma rejeitou o magistério católico e a autoridade do papa como os determinadores da verdade divina ou da teologia. Em lugar das decisões e decretos do papa e do magistério católico, os reformadores reconheceram as Escrituras como única regra de fé e prática para a vida do povo de Deus. Conforme as confissões reformadas, é o Espírito falando pelas Escrituras o juiz máximo de todas as disputas e questões teológicas.⁶

Além disto, os reformadores rejeitaram a contemporaneidade de novas revelações do Espírito, conforme era defendida pela chamada “reforma radical”, que consistia de grupos pneumáticos e místicos, conhecidos como “fanáticos” ou “entusiastas”.⁷ Os reformadores haviam rejeitado ainda o método alegórico popularizado pelos escolásticos católicos durante a Idade Média, que sustentava que cada texto da Bíblia tinha quatro sentidos diversos. Os reformadores, por sua vez, deram ênfase ao fato de que existe um

⁵ Uma reflexão sobre o assunto foi produzida pelos grupos ligados à Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), conforme LONGUINI NETO, Luiz. *Educação teológica contextualizada: análise e interpretação da presença da ASTE no Brasil*. Algum material sobre o assunto foi publicado em *Vox Scripturae*, representando diferentes perspectivas, como Russell Shedd, O fundamento e finalidade última da educação teológica, *Vox Scripturae*, n. 6, 1996, p. 285-303; R. Carroll e M. Daniel, Lecturas populares de la Biblia: Su significado y reto para la educación teológica, *Vox Scripturae*, n. 5, p. 131-145, 1995; D’ARAÚJO FILHO, Caio Fábio, Educação teológica brasileira: uma crítica dura [entrevista por J. Scott Horrell], *Vox Scripturae*, n. 4, p. 131-40, 1994, com uma réplica no n. 5, p. 89-97, 1995; STURZ, Richard J. A educação teológica evangélica no Brasil, *Vox Scripturae*, n. 1, p. 41-57, 1991.

⁶ “O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura” (*Confissão de Fé de Westminster*, I, 9). “Recebemos todos estes livros, e somente estes, como sagrados e canônicos, para regular, fundamentar e confirmar nossa fé. Acreditamos, sem dúvida nenhuma, em tudo que eles contêm, não tanto porque a igreja aceita e reconhece estes livros como canônicos, mas principalmente porque o Espírito Santo testifica em nossos corações que eles vêm de Deus, como eles mesmos provam” (*Confissão Belga*, art. 5).

⁷ Ver sobre isso LOPES, Augustus Nicodemus. *Calvino, o teólogo do Espírito Santo: seu ensino sobre o Espírito Santo e a Palavra de Deus*. São Paulo: PES, s/d. Calvino escreveu uma obra contra os entusiastas, a quem se refere como libertinos, cf. FARLEY, Benjamin Wirt (Ed.), *Treatises against the Anabaptists and against the Libertines*. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

sentido único em cada passagem bíblica, o qual pode ser descoberto pelo método gramático-histórico de interpretação.⁸

Essas atitudes dos reformadores colocaram as Escrituras no centro da vida das igrejas e dos ministros do Evangelho, provocando assim a necessidade de prepará-los para interpretá-las, sintetizá-las e pregá-las. Dessa forma, a educação teológica passou a ser uma necessidade urgente na vida das igrejas reformadas. A fundação da Universidade de Genebra por João Calvino, entre outros objetivos, visava à formação teológica dos ministros reformados e era, sem dúvida, o reflexo do lema *sola Scriptura*.⁹

I.II. A existência de um sistema doutrinário das Escrituras

Apesar da diversidade em gêneros literários, assuntos e temas, da diversidade de autores e de ter sido escrita por etapas, ao longo de milênios, existe uma unidade essencial na mensagem da Bíblia, que forma a base de seu sistema doutrinário. Esta é uma convicção distinta da tradição e teologia reformadas, que pode facilmente ser comprovada nos livros clássicos de teologia elaborados por autores reformados, antigos e modernos.¹⁰

Esse sistema doutrinário já era reconhecido pelos autores do Novo Testamento, ainda mesmo antes da formação do cânon. No material doutrinário que produziram no contexto de polêmicas, os escritores do Novo Testamento não somente revelaram desejo de preservar um conjunto de conceitos que consideravam verdadeiros e divinos, mas também denunciaram com veemência aqueles mestres que promoviam ensinamentos contrários. Como explicar tal denúncia contra os falsos mestres senão com a idéia de que os escritores do Novo Testamento sabiam que haviam recebido um depósito doutrinário da parte de Deus e que os que ensinavam conceitos diferentes não procediam de Deus?¹¹

⁸ Cf. LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 159-167. Ver também Lutero ainda fala: um ensaio em hermenêutica bíblica, *Fides Reformata*, 2/1, 1996, p. 107-126. Para uma defesa clássica da intenção autorial veja HIRSCH, E. D. *Validity in interpretation*. New Haven: Yale University Press, 1967.

⁹ Sobre a Universidade de Genebra e seu propósito quanto à educação teológica ver WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 87-96. Para informações sobre o ensino teológico nas academias reformadas posterior àquela época, veja FATIO, Olivier. *L'enseignement de la théologie à l'Académie de Genève en 1831. Genève Protestante en 1831*. Genebra: Labor et Fides, 1983. p. 123-154; PITTION, Jean-Paul. *Les académies réformées de l'Edit de Nantes à la révocation. La Révocation de l'Edit de Nantes*. ZUBER, R. e THEIS, L. (Eds.). Paris: SHPF, 1986. p. 187-207.

¹⁰ Ver, por exemplo, GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, s/d; ERICKSON, Millard J. *Christian theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, 3 vols.; BERKHOF, Louis. *Systematic theology*. 4. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1988; HODGE, Archibald A. *Esboço de teologia*. Lisboa: Barata e Sanches Editora, 1895; PACKER, J. I. *Teologia concisa – Síntese dos fundamentos históricos da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, s/d; VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Pub. Co., 1974, entre outros.

¹¹ Ver este ponto e mais detalhes em Augustus Nicodemus Lopes, Verdade e pluralidade no Novo Testamento, *Fides Reformata* 8/2, p. 55-72, 2003. Embora de maneira diferente, H. Ridderbos defende o mesmo ponto em *Studies in Scripture and its authority*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

Os escritores do Novo Testamento também ensinam que os cristãos deveriam zelar e preservar a doutrina que uma vez foi dada aos santos. Muito embora usado de forma pejorativa em alguns círculos, o termo “guardiões da sã doutrina” cabe perfeitamente dentro desses objetivos dos escritores inspirados. Tais escritores ainda fazem menções à apostasia, o que por si só depõe eloqüentemente a favor do que estamos defendendo, ou seja, que os escritores do Novo Testamento operavam a partir da convicção de que havia verdades fixas e imutáveis, desviando-se das quais as pessoas colocavam em perigo sua própria alma.¹²

Em outras palavras, partindo do testemunho do Novo Testamento, os reformadores e a tradição originada deles defendem que a mensagem da Bíblia pode ser sistematizada sob a forma de proposições doutrinárias, visto que existe um sistema doutrinário revelado nas Escrituras. É isso que justifica a existência da teologia e da educação teológica.

I.III. O caráter proposicional da revelação

Um outro aspecto da tradição reformada que justifica a necessidade e a importância da educação teológica é sua convicção quanto ao caráter *proposicional* da revelação de Deus aos homens nas Escrituras. Por proposicional me refiro ao caráter por vezes abstrato dos termos em que as doutrinas da Bíblia são expressas, como palavras, frases, sentenças, discursos. Os reformados sempre reconheceram que Deus se revelou de forma proposicional nas Escrituras.¹³ Uma das evidências dessa convicção é a produção numerosa de confissões de fé, sob a forma de proposições, por parte dos diversos ramos da Reforma. Se as pessoas conseguem se comunicar satisfatoriamente mediante proposições, não há dificuldade em se admitir que Deus poderia fazer o mesmo com suas criaturas.

Sendo as Escrituras o registro infalível da revelação de Deus ao homem, conforme a teologia reformada, elas transmitem o conhecimento de Deus por meio de afirmações, declarações, histórias, eventos, instituições – enfim, por meio das formas e gêneros literários variados, todos eles expressando por meio de palavras e frases o conhecimento de Deus. Nem todos eles são proposicionais. Entretanto, não há como negar a presença de proposições nas Escrituras.

Apesar de terem sido dadas progressivamente, numa cultura determinada e em linguagem humana, tais proposições são passíveis de estudo, comparação, sistematização e transmissão. É exatamente esse caráter proposicional da revelação que permite a existência do “estudo de Deus”, ou teologia.

¹² LOPES, Verdade e pluralidade, p. 64-66.

¹³ Para uma defesa clássica da proposicionalidade da revelação de Deus, ver SCHAEFFER, Francis. *O Deus que se revela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004; PACKER, J. I. *God hath spoken: revelation and the Bible*. London: Hodder and Stoughton, 1965; MORRIS, L. *I believe in revelation*. London: Hodder & Stoughton, 1976; MILNE, B. *Know the truth*. Leicester: IVP, 1982. Para uma visão contrária, que defende a não-proposicionalidade, ver TEMPLE, William. *Nature man and God*. New York: St. Martin's Press, 1934.

Atualmente, determinadas correntes teológicas negam a proposicionalidade da revelação.¹⁴ Ao fazerem isso, implodem o labor teológico e o reduzem à sociologia da religião, religiões comparadas, psicologia da religião, fenomenologia da religião e antropologia cultural – disciplinas que obviamente têm seu valor e lugar, mas que, por sua natureza fenomenológica e descritiva, não estudam os fenômenos religiosos do ponto de vista do seu conteúdo, validade e genuinidade. Assim, não podem substituir a síntese teológica propriamente dita.¹⁵

I.IV. O distanciamento das Escrituras

Apesar de ser a revelação infalível de Deus ao homem, a tradição reformada reconhece o que chamamos do fenômeno do *distanciamento*, ou seja, que as Escrituras estão distantes de nós temporalmente, culturalmente, lingüisticamente e contextualmente.

A academia reformada admite que a Bíblia, o objeto próprio de estudo na educação teológica, não caiu pronta do céu, mas foi escrita por diferentes pessoas em diferentes épocas, línguas e lugares, produzindo o distanciamento. O distanciamento temporal aponta para o fato de que a Bíblia está séculos distante de nós. Seu último livro foi escrito pelo final do século I da Era Cristã, o que nos separa temporalmente em cerca de dois milênios. O distanciamento cultural chama nossa atenção para o fato de que o mundo em que os escritores da Bíblia viveram já não existe. Está no passado distante, com suas características, cosmovisão, costumes, tradições e crenças. Por sua vez, o distanciamento lingüístico – as línguas específicas em que a Bíblia foi escrita também já não existem – nos lembra que temos traduções e versões diante de nós, que foram feitas a partir dessas línguas. O distanciamento contextual nos lembra que os livros da Bíblia foram escritos para atender a determinadas situações, que já se perderam no passado distante. Além disso, nossa natureza humana pecadora aumenta essa distância. As Escrituras são a revelação infalível do Deus justo, santo, onipotente – e nós somos finitos e pecadores.¹⁶

¹⁴ Ver, por exemplo, a linha coerentista de Thiemann, na análise de Tom McCall, Ronald Thiemann, Thomas Torrance and epistemological doctrines of revelation, *International Journal of Systematic Theology*, 6/2, 2004, p. 148ss. Ver ainda a análise do pensamento não-proposicionalista feita por FRAME, John. *The doctrine of the knowledge of God*. Philadelphia, PA: Presbyterian & Reformed, 1987. p. 177, 195, 200-201.

¹⁵ Para um melhor entendimento da fenomenologia da religião, ver DURKHEIM, Emile. *The elementary forms of the religious life*. New York: Collier Books, 1961, o estudo sociológico clássico das religiões primitivas; ELIADE, Mircea. *The sacred and the profane: the nature of religion*. New York: Harvest Books, 1959, uma análise do significado do mito religioso, simbolismo e ritual dentro da vida e da cultura; OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992, o clássico que faz distinção entre o profano e o sagrado na fenomenologia religiosa; STRENG, Frederick J. *The religious life of man*. Califórnia: Dickenson Publishing Co., 1969, que traz impressionante coletânea de artigos sobre fenomenologia da religião.

¹⁶ Sobre o distanciamento na hermenêutica, ver Lopes, *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 23-29, 249. Severino Croatto trata do assunto em *Hermenêutica bíblica*: para uma teoria de la lectura como producción de sentido, Buenos Aires: Ediciones La Eurora, 1984, porém vê no distanciamento um fator que impede o acesso ao sentido original pretendido pelo autor.

A resposta reformada ao distanciamento não tem sido o desânimo e o desespero em conhecer a Deus conforme se revelou nas Escrituras, mas vencer o distanciamento pelo estudo (educação teológica) e pela piedade, conforme o lema de Calvino, *orare et labutare*. Daí a necessidade de estudarmos as Escrituras para vencer o distanciamento temporal e da piedade e oração para vencermos o distanciamento espiritual.¹⁷

Com a questão de vencer o distanciamento vem um outro aspecto distinto da tradição reformada, que demanda a educação teológica: a necessidade prática do trabalho pastoral a partir das Escrituras. Pastores e líderes precisam dar respostas às questões e desafios contemporâneos à luz da Bíblia, da história e da nossa tradição reformada. Para fazê-lo de forma eficaz, precisam ser corretamente educados nas Escrituras.

Missionários e obreiros precisam apresentar o Evangelho de forma inteligente, bíblica e contextualizada. Tudo isso justifica a imperiosa necessidade da educação teológica dos ministros, obreiros, líderes, professores e missionários.¹⁸

Os pontos mencionados acima representam algumas das razões pelas quais as igrejas reformadas sempre deram importância à educação teológica de pastores, evangelistas, obreiros, missionários e líderes. É uma decorrência natural e lógica da teologia que adotamos. Se não crêssemos que a Bíblia contém um sistema doutrinário passível de ser analisado, sistematizado e transmitido, se não crêssemos na necessidade de vencer o distanciamento que nos separa dela, não teríamos educação teológica.

À medida que as denominações reformadas cedem às tentações contemporâneas, sua educação teológica se torna mais e mais secularizada, como veremos abaixo.

II. DESAFIOS ATUAIS PARA A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS IGREJAS REFORMADAS

A educação teológica nas igrejas reformadas sempre enfrentou grandes desafios oriundos das mudanças acontecidas na academia secular, as quais invariavelmente, mais cedo ou mais tarde, acabaram por influenciar a academia cristã. Por exemplo, quando surgiu o Iluminismo no início do século XVIII, com sua pressuposição fundamental – que Deus tem de ficar de fora do conhecimento humano – a academia cristã foi confrontada por ele quanto ao conceito de verdade e de método de pesquisa. E muitos teólogos protestantes aderiram ao movimento iluminista. Não é que eles se tornaram ateus

¹⁷ Para o lema hermenêutico de Calvino, *orare et labutare*, ver ANGLADA, Paulo. *Orare et Labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. Fides Reformata*, 2/1, 1997, p. 103-122.

¹⁸ Para uma análise da educação teológica no contexto de missões ver CONN e ROWEN, *Missions & theological education*, especialmente o artigo de Chung-choon Kim, *The contextualization of theological education*, p. 41-54; Harvie Conn, *Theological education for the city, Urban Mission*, n. 10, 1992, p. 3-60.

ou agnósticos, mas sim que tentaram combinar as demandas do Iluminismo com as verdades da fé cristã. Surgiu então o deísmo. Deísmo é o termo aplicado ao pensamento dos teólogos livre-pensadores dos séculos XVII e XVIII que procuraram compatibilizar a crença em Deus e o racionalismo do Iluminismo. O deísmo afirma a existência de Deus, mas nega sua intervenção na história humana, quer por meio de revelação, quer por meio de milagres ou da providência. Dá-se o surgimento do liberalismo teológico, que rapidamente invadiu os seminários e faculdades de teologia. A academia reformada jamais seria a mesma após isso.¹⁹

Um outro exemplo é a chegada da pós-modernidade no cenário da vida humana, com sua rejeição do conceito de que existem verdades absolutas e fixas e afirmando que toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural em que as pessoas vivem. Isso inclui verdades religiosas. Conceitos como “Deus” são totalmente relativos. Cada um percebe a verdade de sua própria forma. Não existe “verdade”, mas sim “verdades” que não se contradizem, apenas complementam-se. O espírito relativista, pluralista e inclusivista da pós-modernidade permeia hoje os meios acadêmicos. Como era de se esperar, essa mudança afetou profundamente a academia cristã com reflexos na hermenêutica bíblica. É verdade que as “novas luzes” (novos conceitos) trazidas pela pós-modernidade têm sido recebidas com cautela e cuidado pelos estudiosos reformados conservadores, que ainda relutam em aceitá-las, especialmente por causa dos efeitos que terão na pregação, na evangelização e na vida das igrejas cristãs. Mas os novos conceitos da pós-modernidade conseguiram entrar em muitos círculos acadêmicos de estudo da Bíblia e produziram diversos tipos novos de teologia e uma diferente compreensão de educação teológica.

Meu ponto é que a educação teológica reformada sempre foi desafiada pelas tendências da academia secular. E não é diferente hoje. Na minha concepção, há algumas dessas tendências que continuam a ser uma grande tentação para os reformados. Eis algumas delas.

II.1. O Desafio da Secularização

Existe a tentação de que a educação teológica se amolde à academia secular em diversos aspectos. Um deles é quanto à formação dos profes-

¹⁹ LOPES, *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 183-195. Apesar da apreciação que historiadores renomados têm manifestado pelo surgimento do liberalismo protestante e pela predominância do método histórico crítico (ambos filhos do Iluminismo) como W. Walker, R. Nichols e J. González, sigo a linha dos historiadores que percebem no liberalismo teológico um inimigo da fé cristã, como B. Hägglund e E. Cairne. John Leith, que foi professor de teologia na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América – P.C.(USA) por décadas e, após se aposentar, escreveu um livro em que analisa a crise atual na denominação e na educação teológica dos seminários americanos, aponta o liberalismo teológico como um dos principais responsáveis. *Crisis in the church*, p. 9-24.

sores de teologia em universidades seculares.²⁰ Existe uma tendência na academia protestante de reverenciar e privilegiar os graus e diplomas obtidos em universidades seculares, especialmente aquelas com reputação de excelência acadêmica. Além disso, o grau oferecido pelo Estado permite o aproveitamento de estudos em graus escolares superiores e sua utilização em áreas seculares, o que o torna muito atraente. Assim, professores de seminários e outras instituições não raramente procuram obter uma educação secular, em detrimento de uma formação teológica reformada e bíblica. O motivo implícito é que o processo educacional e os resultados da academia secular são vistos como superiores aos das escolas e faculdades teológicas. A atração que cursos assim oferecem é que trazem a garantia da suposta qualidade científica da academia secular, com os resultados seguros da metodologia de pesquisa científica. Porém, o estudo da fé cristã e da Bíblia feito pela metodologia secular é viciado desde o início, pois já parte do *a priori* de que Deus, se existir, não intervém de forma objetiva no mundo e na história.

Ainda nesta linha, as instituições de ensino teológico podem cair na tentação de pensar que um diploma com reconhecimento do Estado indica uma melhor capacitação ou um treinamento em moldes mais excelentes na área de teologia.²¹ Na verdade, enquanto tal reconhecimento para escolas de teologia só pode ser obtido se cumpridas determinadas condições que tendem a melhorar a pesquisa e o estudo, essas condições em nada aprimoram a reflexão teológica propriamente dita, e a ausência do carimbo da autoridade competente não significa que o nível da educação é necessariamente inferior.²²

²⁰ Uma discussão sobre a tensão que existe entre teologia e ciências da religião, o curso por excelência sobre religião das universidades, pode ser vista em Pierre Gisel, *Faculté de théologie ou de sciences religieuses?*, *Études Théologiques et Religieuses* 72/2, 1997, p. 281-292. Para uma defesa da idéia de que estudos teológicos devem ser feitos no âmbito da universidade, veja Roger Mehl, *Légitimité de la présence d'une Faculté de théologie au sein de l'Université*, *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, 68/1, 1988, p. 133-143.

²¹ Ver a discussão sobre esse assunto no contexto da América Latina por Emilio A. Nuñez, *La acreditación y la excelencia*, *Vox Scripturae*, n. 5, 1995, p. 3-15.

²² Na ocasião em que este artigo é escrito, o Ministério da Educação reconhece 8 cursos de habilitação em Ciências da Religião, cerca de 60 bacharelados em teologia, 5 mestrados em Ciências da Religião, 5 mestrados em teologia, 3 doutorados em Ciências da Religião e 3 doutorados em teologia. Esses cursos reconhecidos são oferecidos por universidades públicas, faculdades e universidades confessionais, entre elas católicas, espíritas e protestantes. Atualmente, a legislação permite que os diplomas obtidos nos seminários maiores das religiões sejam revalidados por meio de cursos reconhecidos pelo MEC, mediante cumprimento de requisitos. Em 1979, o educador Rubem Alves traçou o surgimento das ciências da religião no Brasil, com o interesse crescente pela sociologia da religião, não somente por parte das igrejas protestantes, como metodistas e presbiterianas independentes, mas também por parte das universidades, em que a religião começava a ser estudada do ponto de vista "científico". ALVES, Rubem. *Le retour du sacré: les chemins de la sociologie de la religion au Brésil*. Trad. C. Beylier. *Archives de Sciences Sociales des Religions* 24, 1979, p. 23-51.

Desde o início, o conflito entre Atenas (educação secular) e Jerusalém (educação teológica) preocupou a Igreja cristã.²³ O desafio para as igrejas reformadas é fazer educação teológica com alto grau de excelência, eficiência, capacidade, sem, porém, perder de vista que não se pode estudar Deus e sua revelação na Escritura como se esta fosse como qualquer outro livro de religião.

A secularização do ensino teológico representa um grande desafio para as igrejas reformadas que desejam formar seus pastores com alto padrão acadêmico, porém dentro da sã doutrina, dentro da tradição reformada e dentro da teologia bíblica.

II.II. Cientificismo

Uma outra tentação, já mencionada implicitamente acima, é a de adotar uma linha e uma literatura teológicas que pressupõem a suficiência do *método cartesiano* nos estudos teológicos. O método cartesiano, base da ciência moderna, é fruto do racionalismo e empirismo, e domina os estudos seculares nas universidades. Ele pressupõe que o universo é um sistema fechado de causa e efeito, governado por leis fixas e universais. Essas leis (e, portanto, o que é verdadeiro) só podem ser estabelecidas pelo sistema empírico de observação, experimentação e formulação de hipóteses. Nesse processo, os pressupostos têm que ficar de fora, especialmente os religiosos, particularmente na formulação das hipóteses.²⁴

O método histórico-crítico de interpretação bíblica, fruto do liberalismo teológico nascente do século XVIII, resultou desse modelo e tem ganhado a predominância em muitas escolas teológicas. Ele exige uma interpretação da Bíblia sem o pressuposto da fé, muito embora ele mesmo parta do pressuposto da não intervenção sobrenatural de Deus na história. Dessa forma, oferece explicações sociológicas, psicológicas, históricas, econômicas para o surgimento do judaísmo e do cristianismo, bem como das Escrituras. Este é o método por excelência da educação teológica feita nas universidades e em instituições teológicas liberais, muito embora já tenha sido declarado morto.²⁵

²³ Sobre o conflito clássico entre filosofia e teologia, sempre presente na Igreja cristã, ver BONSOR, Arthur. *Athens and Jerusalem: the role of philosophy in theology*. New York: Paulist Press, 1993. Um clássico nesta área, que aborda a tensão do ponto de vista da apologética, é GEEHAN, E. R. *Jerusalem and Athens: critical discussions on the theology and apologetics of Cornelius Van Til*. Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed, 1971.

²⁴ Ver a excelente análise do cartesianismo por POYTHRESS, Vern. *Science and hermeneutics: implications of the scientific method for Biblical interpretation*. Grand Rapids: Academic Books, c1988.

²⁵ Cf. MAIER, Gerhard. *The end of the historical-critical method*. St. Louis: Concordia, 1977. Ver a resenha desta obra por PIPER, John. A reply to Gerhard Maier: A review article. *Journal of the Evangelical Theological Society* 22/1, 1979. Para a situação do método histórico-crítico na Alemanha já na década de 80, ver PIPER, John. Historical criticism on the dock: recent developments in Germany. *Journal of Evangelical Theological Society* 23/4, 1980. Uma boa análise crítica do método histórico-crítico na mesma época é feita por MUELLER, Ênio R. O método histórico-crítico: uma avaliação. FEE, Gordon e STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 261-344.

O cientificismo representa um grande desafio para a educação teológica, pois propõe que se deixem de fora os pressupostos da fé reformada no estudo acadêmico da Bíblia. O desafio que ele propõe aos reformados é o de estudarem as Escrituras com profundidade e seriedade, porém com os pressupostos da fé, e não do agnosticismo e do ateísmo. É desenvolver métodos de interpretação, abordagens teológicas e práticas ministeriais que integrem os pressupostos da fé reformada.

II.III. Pluralismo

Um outro grande desafio para a educação teológica reformada em nossos dias é aquele representado pelo pluralismo da pós-modernidade. O pluralismo é a abordagem da pós-modernidade ao conceito de verdade. Enquanto o cientificismo estaria mais ligado à modernidade, o pluralismo representa, em muitos aspectos, o que há de mais característico na chamada pós-modernidade.²⁶ O pluralismo rejeita o conceito de que existam verdades absolutas e fixas. Ele espera que as opiniões cedam espaço umas às outras, particularmente aos pontos-de-vista marginalizados, aqueles que foram calados por gerações pelas vozes dominantes da sociedade, como é o caso do ponto-de-vista feminista, dos homossexuais, das minorias raciais e das culturas desprezadas. Na perspectiva pluralista, a opinião e as convicções de todos têm de ser respeitadas, visto que a opinião de um é tão verdadeira quanto a opinião do outro. Já que não existem conceitos absolutos na área de religião e de moral, não pode haver proselitismo, isto é, alguém impor um sistema doutrinário ou um ideário moral acima de outros. Torna-se politicamente incorreto criticar as idéias, os pensamentos, os conceitos, as crenças e a conduta moral de alguém.

O pluralismo, tendo se tornado o espírito característico da academia secular em muitos aspectos, representa uma tentação para a academia reformada. Em termos práticos, o desafio que ele traz consiste na introdução, na educação teológica, de diferentes linhas teológicas, pois pressupõe que não há uma única linha teológica válida ou verdadeira, mas muitas, que se complementam. Dessa forma, diz buscar o “enriquecimento” do estudante com a pluralidade, em vez da sua formação teológica dentro do sistema doutrinário revelado nas Escrituras. Como tal, diminui a importância da confessionalidade, com a conseqüente perda da identidade reformada.²⁷ Obviamente

²⁶ Sobre o assunto, ver CAMPOS, Heber Carlos de. O pluralismo do pós-modernismo. *Fides Reformata*, 2/1, 1997, p. 5-28; GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997; SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã*. São Paulo: ABU, 1999.

²⁷ Para uma proposta de educação teológica dentro de uma linha pluralista, ver RICHARD, Lucien. *Theology and belonging: Christian identity and the doing of theology*. ASTLEY, *Theological perspectives*, p. 151-159. Ver ainda a discussão referente à educação religiosa em geral, em THOMPSON, Norma H. (Ed.). *Religious pluralism and religious education*. Birmingham, Ala: Religious Education Press, 1988.

defendo que a academia reformada deve ser exposta às mais diferentes linhas de pensamento, teologias e hermenêuticas existentes. Acredito, entretanto, que essa exposição deva ser seguida necessariamente de análise crítica feita a partir dos pressupostos bíblicos conforme desenvolvidos pela tradição reformada histórica, como estudar as obras dos liberais clássicos com o filtro das Escrituras, conforme interpretadas pela Reforma.

Existe uma *diversidade* saudável entre os reformados que mantêm os pressupostos fundamentais da fé reformada, especialmente aqueles pressupostos relacionados com a infalibilidade e autoridade das Escrituras. E essa variedade é saudável porque se dá nos limites da fé reformada, e consiste na diferente interpretação de pontos que não são essenciais para a fé cristã.²⁸ Mas não é essa diversidade dentro da unidade que o pluralismo deseja na educação teológica. O que ele deseja é a introdução de linhas teológicas que adotam o método histórico-crítico, que diminuem a autoridade das Escrituras, que enfatizam o caráter não proposicional da verdade. Enfim, busca que a educação teológica reflita as mais divergentes, radicais e contraditórias correntes teológicas que infelizmente marcam a tradição protestante e que proliferem seminários e faculdades teológicas em que não haja uma linha teológica definida e em que cada professor tenha uma abordagem teológica distinta, desde liberais históricos, neo-ortodoxos, neo-liberais, católicos, evangélicos e até mesmo agnósticos.

Cito aqui o testemunho de John Leith, considerado o maior teólogo da atualidade na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, P.C.(USA), atualmente aposentado depois de uma vida inteira dedicada à educação teológica em sua denominação. Leith escreveu *Crisis in the Church* (“Crise na Igreja”), após aposentar-se. Nessa obra, ele lamenta o estado atual de esvaziamento dos seminários da denominação e particularmente a falta de crescimento da mesma, e identifica algumas causas:

- 1) A maior parte dos professores dos seminários não é composta de pastores ou pregadores, mas de professores profissionais, formados em universidades seculares e sem experiência no ministério;
- 2) A pluralidade de linhas e teologias confunde os alunos e faz perder a identidade reformada. Assim, os seminários não estão produzindo pastores que saibam pregar, pastorear, aconselhar ou plantar igrejas, e muitos estão confusos.²⁹

²⁸ Existe um pluralismo na educação teológica, defendido por Abraham Kuyper, que consiste em ouvir o que as diferentes escolas cristãs têm a dizer sobre um assunto. Cf. *Lectures on Calvinism*, Grand Rapids: Eerdmans, 1961 [1898], p. 133-140. Isso é bastante diferente, porém, da pluralidade proposta pela pós-modernidade na educação teológica, como defendida em Thomas Dean (Ed.), *Religious pluralism and truth: essays on cross-cultural philosophy of religion*. Albany: State University of New York Press 1995.

²⁹ LEITH, *Crisis in the church*, p. 9-24.

O desafio do pluralismo é conhecermos e estudarmos na educação teológica, de forma crítica, as diferentes e divergentes teologias, métodos e abordagens, sem trair nossa tradição reformada histórica.

II.IV. Pragmatismo

O pragmatismo na educação teológica é a tendência de adequá-la a uma visão de ministério voltado para a satisfação das necessidades imediatas das pessoas, em detrimento das grandes verdades do sistema doutrinário revelado nas Escrituras. Como resultado, a educação teológica acaba sendo determinada, quanto a currículo, ementas, alvos, professores e linha teológica, pela práxis, práticas, liturgias e costumes das igrejas, tendo abandonado o referencial bíblico como determinante.³⁰

Quando isso ocorre, houve a capitulação da teologia às demandas da pluralidade litúrgica e doutrinária das igrejas – em vez de reformar estas práticas, a educação teológica passa a refleti-las, deixando de ser governada pela revelação bíblica e seguindo o vezo cultural da época.

Isso não quer dizer que a educação teológica não deva levar em conta as questões práticas, urgentes e imediatas das pessoas às quais os pastores, missionários e obreiros vão ministrar. O desafio é desenvolvermos um modelo ministerial na educação teológica que esteja atento às necessidades das pessoas e da época, mas que nunca abandone as Escrituras como única regra de fé e prática.

Quando uma igreja permite que sua educação teológica seja determinada pela cultura, cedo ou tarde se verá vítima desse expediente. Algumas denominações reformadas que aceitaram a ordenação de mulheres ao ministério com base na adequação da igreja aos rumos da sociedade e da cultura nas quais estava inserida hoje estão tendo que engolir esse argumento diante da pressão dos grupos gays para que realizem casamentos gays e ordenem lésbicas e gays como pastores e presbíteros, já que o homossexualismo também é aceito hoje pela sociedade. Em 1992 a Igreja da Inglaterra passou a ordenar mulheres. Poucos instantes antes de a assembleia votar o assunto, chegou uma carta do Movimento Cristão de Gays e Lésbicas que dizia: “Prezados senhores, por favor notem que todos os argumentos usados para a ordenação de mulheres também podem ser usados para a ordenação de homossexuais praticantes”. Os argumentos em favor da ordenação de mulheres eram de três tipos: sentimental, utilitário e político. Nenhum deles era bíblico. Os mesmos argumentos são usados hoje em favor da ordenação de gays.³¹

³⁰ Para uma tentativa de esboçar a educação teológica à luz do pragmatismo inerente das novas hermenêuticas, ver o artigo de FIORENZA, Francis S. Theory and practice: theological education as a reconstructive, hermeneutical, and practical task. *Theological education* 23, 1987, p. 113-141. Uma análise do pragmatismo em relação à erudição cristã é feita por diversos articulistas na obra editada por NORTON, Gary. *Foundations of Christian scholarship: essays in the Van Til perspective*. Vallecito, CA: Ross House Books, 1976.

³¹ A citação é de Dwight Longenecker, um ex-pastor anglicano. Ver sua análise em *The Catholic Herald* 15/02, nov. 1992.

II.V. Academicismo

O academicismo a tentação de esquecermos o aspecto divino e espiritual da educação teológica, que tem como objeto de estudo a revelação divina. É a tentação de nos habituarmos com as coisas de Deus e perdermos o espanto, o temor, o amor, o zelo, a maravilha, o enlevo. É a tentação de nos acostarmos com o divino e nos tomarmos cínicos, céticos, profanos, insensíveis, secos, frios – em outras palavras, meramente acadêmicos. É a tentação de estudarmos a Bíblia como se fosse um mero livro antigo, de estudarmos Deus de forma impessoal e de estudarmos teologia sem qualquer paixão em nossos corações.

Essa tentação sempre acompanhou a educação teológica reformada.³² Não poucas vezes, pastores, professores e teólogos reformados possuem vasto conhecimento bíblico e geral, mas pouca ou nenhuma piedade. E não poucos zombam e menosprezam a devoção e a espiritualidade na vida acadêmica, como se fossem incompatíveis.

A falta de profunda comunhão com Deus e de uma vida piedosa e santa fará com que os envolvidos na educação teológica formem teólogos e professores, mas nunca verdadeiros pastores e servos de Deus. O ideal reformado para a educação teológica, calcado no lema de Calvino, *orare et labutare*, deve ser o de cultivar tanto a mente quanto o coração. O desafio para os reformados é promover uma educação teológica que desenvolva mente e coração.³³

Os fatores mencionados acima representam alguns dos perigos latentes na educação teológica reformada, contra os quais se deve sempre estar alerta, especialmente quando refletimos sobre a importância da educação teológica para o futuro das igrejas reformadas.

CONCLUSÃO

Este ensaio tem vários objetivos. Primeiro, relembrar os fundamentos da educação teológica reformada. Ela é uma consequência inevitável dos princípios fundamentais da tradição reformada. Segundo, alertar para os desafios e perigos que ela vem sofrendo ao longo das últimas décadas. As igrejas reformadas não podem descurar do bom andamento da educação teológica de seus obreiros, sob pena de sofrer as consequências em um espaço muito curto de tempo.

³² Um exemplo histórico é o escolasticismo protestante, que gerou reações como o pietismo. Ver COSTA, Hermisten. Pietismo: um desafio à piedade e à ortodoxia. *Fides Reformata* 4/1, 1999, p. 5-26.

³³ Ver WARFIELD, B. B. *The religious life of theological students*. Philadelphia, PA: Presbyterian & Reformed, 1992. Ver mais sobre este assunto em HUGHES, Kathleen. Conversion of mind and heart in theological education. *Theological Education* 33, 1997, p. 1-10; CALIAN, Carnegie Samuel. Prayer during seminary years and beyond. *Perspectives* 10, 1995, p. 16-18; HOLZE, Heinrich. Die theologische Verantwortung der Kandidatenausbildung heute: Anfragen an eine Reform. *Kerygma und Dogma* 33, 1987, p. 32-59; FORTKORT, Maura. Spirituality in theological education. *Theological Education* 24, 1987, p. 9-72; CALIAN, Carnegie S. How to go through seminary without losing your faith. *Christian Century*.

A educação teológica é a espinha dorsal de uma igreja. A sua importância se percebe não somente pelos fatores mencionados acima, mas também pelo fato de que ela pode mudar a face de uma denominação ou igreja, dentro de uma década. Uma vez que as instituições de ensino teológico de uma denominação se tornem, por exemplo, neoliberais ou neo-ortodoxas, isso se fará sentir em menos de uma década nas igrejas, pois os pastores formados nessas instituições levarão as sementes da incredulidade e da dúvida aos seus púlpitos, e certamente influenciarão aqueles que ocupam posições de liderança e cargos administrativos na denominação. Muitas das igrejas reformadas da Europa e Estados Unidos que hoje são ecumênicas e toleram casamento e ordenação de homossexuais, ordenação de mulheres ao ministério, sexo antes do casamento e a visão evolucionista da origem do mundo começaram com uma mudança na educação teológica em seus seminários. Uma vez que as Escrituras passaram a ser questionadas, desacreditadas ou relativizadas em sua aplicação para nossos dias, vieram as mudanças nos símbolos de fé e, em seguida, as decisões conciliares que permitiam as práticas mencionadas acima e outras mais.

Uma estatística recente mostrou que 55% dos professores dos 11 seminários da PCUSA são favoráveis à ordenação de homossexuais. Os mesmos elaboraram uma carta à Assembléia Geral da PCUSA pedindo que gays e lésbicas pudessem ser ordenados ministros do Evangelho.³⁴ Quando a maioria dos professores dos seminários defende essa causa, não é de admirar que a mesma tenha tamanha aceitação dentro da denominação.

Por outro lado, a educação teológica pode ser instrumento de Deus para reforma e despertamento espirituais da denominação. Por meio dela, podemos formar pastores, professores, missionários e obreiros que sejam fiéis servos de Jesus Cristo, academicamente competentes e espiritualmente vigorosos. Os mesmos trarão às igrejas locais o verdadeiro avivamento e reforma espirituais de que necessitamos. Formarão a opinião e forjarão a mentalidade de toda uma geração. Seminários comprometidos com a Palavra de Deus e com a vida cristã formam gerações de pastores fiéis, que, por sua vez, influenciarão líderes e obreiros que igualmente vão exercer esta influência nos concílios.

ABSTRACT

This article deals with the question of theological education in denominations of Reformed confession. The author deals, first, with the main motives that should move such denominations to adopt, promote and establish theological education after the principles of the Reformation. These motives are the doctrine of *Sola Scriptura*, the propositional character of biblical re-

³⁴ *The Presbyterian layman*, out. 2001, p. 14A.

velation, the distance between the Scriptures and modern day readers, among others. Then, the author discusses the main challenges and difficulties in the way of establishing authentic Reformed theological education in seminaries and other theological institutions, namely, the global secularization of the academy, the dominance of scientificism, religious pluralism, pragmatism and academicism, which values learning more than character. The article concludes with the author's conviction that theological education can be a powerful instrument of true spiritual revival in Reformed denominations.

KEYWORDS

Reformed theological education; Academia; Secularization; Scientificism; Pragmatism; Science of religion; Propositional revelation.